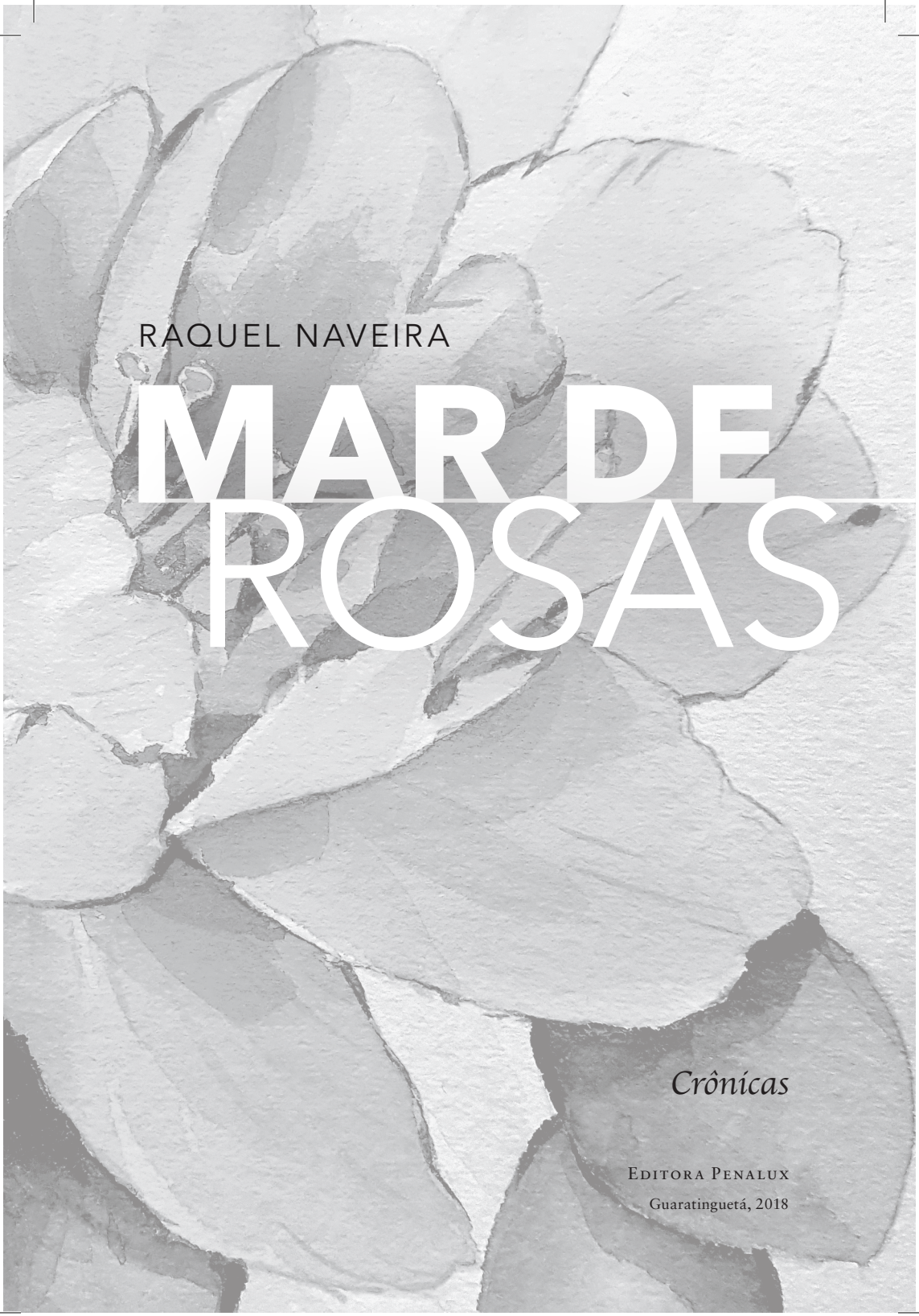

RAQUEL NAVEIRA

MAR DE ROSAS

Crônicas

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2018

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

Edição: França & Gorj

Capa e editoração eletrônica: Karina Tenório

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N323m NAVEIRA, Raquel. –
Mar de Rosas / Raquel Naveira. – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2018.
112 p.: 21 cm.
ISBN: 978-85-5833-375-7
1. Crônicas I. Título.

CDD.: B869.8

Índice sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

PREFÁCIO

AS AMBÍGUAS REDES EM MAR DE ROSAS, DE RAQUEL NAVEIRA

Começarei pelo fim, por este espaço de desfecho que abre as portas para novos olhares. Neste livro excepcional, bem urdido e tramado nas redes das palavras, temos 37 crônicas que desafiam nosso olhar desgastado. As crônicas de Raquel Naveira têm o sabor da novidade, do frescor que ameniza nossa faina de dor diária. Na crônica que fecha o livro, "Redes", Raquel Naveira resume a ótica de seu livro: fazer associações, analogias entre planos, redes, saberes, seres, coisas e artes. A similitude entre o dentro e fora, o que está em cima (céu estrelado) e embaixo, na Terra fragmentária e fantasmática de nosso lar, o micro e o macrocósmico se conjugam numa dança de êxtase, num erotismo de fios e tramas. Num relato diário, nas redes que balançam nossos corpos, encontramos a referência a João Cabral de Melo Neto e sua rede de morte, da seca, do sofrimento, que carrega tantos Severinos. Mas essas redes também nos prendem, criam ciladas, pois nem tudo são rosas perfumadas, como indica ironicamente o título do livro, *Mar de rosas*, que brinca com nossa ótica, através da ambiguidade que perpassa esta metáfora sutil e cruel, como o mar, e delicada como as rosas, se bem que vermelhas, a destilar o amor e o sangue, a vida e a morte, nossa vida e morte Severina.

No livro *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, encontramos no capítulo II, "A prosa do mundo", o universo das similitudes. Ele disse: "Até o fim do século XVI, a semelhança

desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental". Este jogo de espelhos, de repetições e analogias, era muito criativo e rico em significados. Já Octávio Paz, crítico e poeta mexicano, a partir de sua visão sobre a imagem poética, revelou que o pesado pode ser o ligeiro, pois a imagem recria uma terceira via, unindo realidades opostas, criando-se, assim, uma semelhança, pela dessemelhança. Raquel Naveira associa pessoas e coisas, mostrando a nós, leitores, o poder poético das palavras, observando-se, dessa forma, um universo de paralelismos na sua biblioteca literária. Seu livro não segue a linha cronológica (*cronos*) como um livro de crônicas poderia supor. Ultrapassando os limites de tempos e épocas, as associações continuam entre o passado e o tempo presente, que pode ruir a qualquer momento.

O seu livro de crônicas segue a ordem "dicionária" e "arquivística", o ordenamento alfabético de seu livro não é preso a datas fechadas, pois a abertura é o lema maior de seu livro magistral. O poder analítico de suas crônicas rasga a carne de suas páginas, labirínticas e espelhadas, a produzirem concatenamentos e desdobramentos, como na dobra barroca, que conduz ao infinito, como diria o filósofo Deleuze. A crônica que abre o livro, "A barca dos refugiados", tem o poder de reflexão sobre o real e o que o recorta, palimpsesticamente, o ficcional e o artístico. É tênue o limite entre o real e o imaginário, ao seu livro conduzir o leitor para o estágio da vigília e do sonho, ao mesmo tempo. Ao analisar o quadro do pintor Géricault no passado, remete ao tempo presente dos refugiados, quebrando *cronos* e retornando ao passado novamente através do navio negreiro, de Castro Alves. Raquel Naveira reúne, lindamente, estes pedaços de tempo num belo mosaico, num tapete pictórico. Sua escrita é imagética, a criar um quadro vivo para nós, leitores. É como se ela estivesse com uma câmera do diretor, captando os mínimos detalhes da vida, nua e crua como a folha em branco do escritor.

Na crônica que discursa sobre a artista plástica Ana Ruas, temos o poder de reflexão que suscita a observação desta obra de arte. Como na "memória involuntária" de Proust, o contato com as coisas, suscita uma lembrança, uma recordação, uma associação poética e densa como o fundo preto das palavras. Mas ao mesmo tempo em que as memórias se entregam ao verbo, o esquecimento é o lugar mesmo da utopia, o esvaziamento do que nos acorrenta à selva de pedra, ao lugar mesmo de uma posteridade cruel e insana. A natureza e delicadeza das crianças conduziriam ao espaço da inocência que a escritora idealiza, quebrando pontes duras, artificiais e buscando a leveza de uma pluma imaginária. A obra de arte seria o encontro entre os seres, a comunhão mística entre autor e público, entre a escrita e o leitor, cumprindo seu papel de reflexão e apontamento para um mundo melhor, mais solidário, e menos solitário.

Raquel Naveira busca um lugar utópico, em que a felicidade e a fraternidade venceriam o mundo da repetição das guerras, das fomes, das tristezas e das desgraças. O "mar de rosas" como uma utopia do começo paradisíaco poderia quebrar a lógica de um "eterno retorno" como analisado por Nietzsche, em que as coisas se destruiriam e voltariam a se repetir em ciclos de existência. Ultrapassando uma repetição desgastante e terrificante, a escritora por ora aqui apresentada procura encontrar uma saída em meio ao caos. Ela mesma diz: "De como tudo se repete no tempo e com tintas muito mais fortes do que poderíamos imaginar". A poeta, contista, ensaísta e cronista, faz um retrato cruel do que acontece na realidade, desconcertando o título da obra, que, ironicamente, joga com nossa visão ambígua do mundo. Se por um lado, as rosas são belas e vistosas, elas carregam seus espinhos. Como mudar esta realidade de opostos que se complementam através de pontes de contato entre o que ficou no passado e o presente da escritora, produzindo suas "repetições"?

Raquel Naveira tem uma solução. A palavra poética seria este emblema da revolução. Pelas frases enobrecedoras de seu livro, encontramos a paz inaugural da imagem, que quebra com o poder dualista do real. O "mar de rosas" seria uma utopia para que a realidade não seja tão cruel e mais pacificadora. A escritora, exímia na arte de criar, produz pontos de cronologia e de anti-cronos, com o objetivo de subverter as repetições, com a mistura de tempos, como num caleidoscópio. Raquel Naveira busca um alento, um sopro de vida em meio à barbárie e violência dos atos humanos. Esse lado utópico seria a outra face da imagem de "mar de rosas". Uma metáfora, o sonho deste delicado traço em meio ao caos da humanidade. Nos textos sagrados hindus mais filosóficos, os *Upanishads*, temos a imagem de dois pássaros que convivem numa mesma árvore. Um pássaro apenas observa, olha, contempla o que está ao redor. O outro pássaro come o fruto doce da árvore, vivenciando a situação à sua volta. Raquel Naveira consegue, com artimanhas e belezas, urdir, a partir dos fios de suas finas letras, a realidade que ela experienciou e o saber contemplativo. Ao longo das 37 crônicas, temos a visão da experiência desta excelente escritora que além de vivenciar a situação é uma profunda observadora dos fatos, recriando-os pelas letras intraduzíveis de suas frases exatas e perfeitas. Goethe já disse que "o poeta é poeta por saturação da experiência". Raquel Naveira consegue dosar este lado poético e lírico com a filosofia. Seu poder de análise é deslumbrante como uma imagem sublime vista da montanha.

A escritora aqui em questão nos dá verdadeiras aulas. Não que seu livro tenha um tom didático e professoral. Longe disso. Suas crônicas não são aulas simples e repetitivas. Ela nos leva à grande aula e nos dá a chave dos aprendizados sobre os vários campos do saber. Como na crônica "Bailarina", podemos falar da delicadeza e da crueldade nas crônicas desta autora de peso.

O traço da imagem, o imaginário rasga a realidade cruel e impactante. A força de suas letras nos conduz a um jardim paradisíaco. É preciso que nós, leitores, comamos do fruto da árvore da vida. Raquel Naveira tem a maciez da água e o ímpeto do fogo, uma "dupla bailarina", as duas formas encarnadas na "bailarina" procuraria fazer das plumas, do bem reinante algo que vai perdurar como a eternidade da poesia: "Como é lindo o meu sonho tardio de ter sido uma bailarina". O que parece suave se enruga pela brutalidade do real. É preciso desdizer a realidade, negá-la, para que os sonhos bailarinos aconteçam.

O livro de crônicas de Naveira é uma viagem pelo interior do ser, mas também pelo externo, pelo local, regional, e pelo cosmopolita, universal. De sua genealogia geográfica, alcançamos várias partes do Brasil e do mundo: Europa, África, Oriente, desfilam frente aos nossos olhos curiosos por novas páginas. Raquel faz dos leitores viajantes de suas páginas. Ela cria um itinerário novo e impactante. Um mapa labiríntico a nos guiar pelo belo e tortuoso. Se a maçã de Branca de Neve nos leva a uma "venenosa contaminação", resta ao ser humano produzir os remédios e antídotos da falência humana. Suas belíssimas metáforas remetem a digressões no tempo, revelando para nós as duas faces do *phármakon*, o veneno e a salvação. Entre a retidão da consciência e o desgoverno das emoções, Raquel busca o *chiaroscuro* da arte. Além deste poder da arte ambígua, Raquel tem o poder de recontar as histórias, os mitos e as verdades sobre o mundo. Todo este frescor da renovação enigmática que a escritora nos propõe revela a sua intensa maestria com a palavra. Naveira tem a chave para os inúmeros conflitos humanos. E é a partir deste poder de recontar, que ela reestrutura o mundo. Vejamos, por exemplo, a crônica "Elétrica", em que a lembrança de um momento da vida da autora na fazenda, onde não havia luz elétrica, leva ao mito de Eros e Psiquê. A trama da vida é recontada pela força do mito e vice-

-versa. Assim, suas crônicas, ao mesmo tempo em que apontam para a história, mostram o lendário, na ambiguidade cambiante do real e do imaginário.

As citações e referências na obra de Raquel Naveira fazem de seu livro algo que prima por seu conhecimento vasto sobre as coisas. Mas ela utiliza esta estratégia a partir de seu poder de reconstrução. Ela reconstitui as coisas pela criatividade fulgurante de suas frases. É todo um trabalho de releitura, nunca uma leitura sempre igual, mas dupla e diferenciada. A partir da imagem do "mar de rosas", a escritora nos apresenta a contraface do riso, um rio seco e caótico que precisa ser reconstruído pelo seu poder de criação. Na crônica que dá título ao livro, ela diz: "Mar de rosas é tormento, renascimento, segredos de vida e morte, união e separação". Nessa malha complexa do mundo, resta ao escritor produzir seus sonhos, suas utopias. Na crônica "Sono e Sonhos", ela nos brinda com estas belas palavras: "Quisera ter um sono de pedra, com sonhos feitos de minérios colhidos no leito dos rios".

Alexandra Vieira de Almeida
Escritora e Doutora em Literatura Comparada (UERJ)

A BARCA DOS REFUGIADOS

A Jangada do Medusa é um quadro do pintor francês Géricault exposto no Museu do Louvre. Obra impressionante: homens amontoados em forma de pirâmide sobre uma embarcação tosca, a vela enfunada, as ondas movimentando o mar, corpos decepados, seres emaciados como figuras de cera e, a um canto, um machado sangrento e um uniforme vermelho e azul abandonado, símbolo do colapso militar e político da França, após a queda de Napoleão. No contorno dramático, recortado contra um céu cinzento, um braço projeta-se para o infinito. Há emoção nos rostos e gestos dos sobreviventes, dos que subiram do abismo do desespero ao ápice da fé, ao verem uma pequena mancha no horizonte enorme da tela. Era o Argus, navio que os resgatou, aproximando-se.

Há uma história por trás do quadro: no verão de 1816, uma fragata, a Medusa, naufragou na costa da África, quando levava soldados para o Senegal, colônia francesa. O incompetente capitão entrou num bote, deixando os passageiros, que considerava seus inferiores sociais, entregues à própria sorte. Centenas de homens e uma mulher construíram uma jangada e ficaram à deriva no oceano por treze dias. Apenas quinze sobreviveram nessas terríveis circunstâncias e relataram casos de canibalismo e loucura. O fato chocou a nação. O quadro trouxe a arte para a polêmica área do protesto, da manifestação política. Misto de arte e realidade, embora nunca a pintura pudesse fazer justiça ao horror e à angústia dos homens na jangada.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em junho de 2018.